



A pesquisa interdisciplinar e hospitalidade na formação universitária em turismo¹ **Dra Ada de Freitas Maneti Dencker²**

Resumo

Nas ciências sociais, as explicações teóricas – formuladas em função de dados do passado-, ao se confrontarem com uma realidade dada - que expressa fatos do presente-, freqüentemente são insuficientes em decorrência da mutação própria da dinâmica das sociedades. Ainda que seja possível identificar tendências, a realidade pode ser mudada pelo empenho e engajamento coletivo da sociedade em busca de uma mudança determinada, ou em função de comportamentos espontâneos não previstos. Em um cenário em que predomina a incerteza, a pesquisa é um instrumento de ação em busca de novos conhecimentos, fator estratégico fundamental na formação universitária, devendo estar associada a considerações de ordem ética e moral. O desenvolvimento da pesquisa em projetos interdisciplinares, estimulando o diálogo entre as disciplinas, a comunicação e o acolhimento de idéias e perspectivas diferentes, a ação comunicativa no dizer de Habermas, é fundamental para a formação do aluno, preparando-o para agir em situações reais complexas.

Palavras-chave

Pesquisa. Interdisciplinaridade. Hospitalidade. Ação Comunicativa.

Introdução

Com base na experiência com Cursos de Turismo e Hotelaria esse ensaio pretende refletir sobre pontos fundamentais para a formação do bacharel em Ciência Social Aplicada como: as relações entre o conhecimento científico e suas aplicações práticas; a pesquisa e formulação de teorias explicativas; a busca do consenso e a ação interdisciplinar como base para atuar frente à complexidade do mundo atual; a necessidade de gerar competência para a ação comunicativa, tanto na pesquisa quanto na ação. A formação universitária tem por objetivo preparar os indivíduos para o exercício profissional e a vida em sociedade, assim como para as atividades de pesquisa e geração de novos conhecimentos, considerando parâmetros éticos e morais e não apenas científicos ou racionais. Para tanto é importante que os conhecimentos produzidos nos diferentes campos disciplinares sejam mobilizados em ações interdisciplinares e, para que isso aconteça, torna-se fundamental, no ambiente de ensino, uma atitude de abertura e acolhimento que assegure a liberdade de pensamento e expressão tanto de alunos, quanto de professores.

¹ Trabalho apresentado no GPComunicação, Turismo e Hospitalidade, IX Encontro dos Grupos/Núcleos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestre e Doutora em Comunicação pela ECA/USP. Membro do Grupo de Pesquisa Inovação e Qualificação em Hospitalidade e Turismo- CNPq. E-mail. adadencker@osite.com.br.



A pesquisa interdisciplinar procura abordar a complexidade do fenômeno social a partir de um leque teórico de origem disciplinar, procurando efetuar alianças que reúnam contribuições capazes de dar conta da realidade, contemplando ao mesmo tempo exigências conceituais, éticas, morais e políticas. Trata-se de uma abordagem ao mesmo tempo abrangente, complexa e insegura na medida em que não trabalha com idéias acabadas no plano teórico conceitual, exigindo maior competência e empenho dos pesquisadores. A disciplina intelectual é importante para evitar a dispersão ou inclusão indiscriminada de novas perspectivas e teorias o que pode comprometer o desenvolvimento do projeto. Os desafios inerentes às abordagens interdisciplinares contribui para a formação tanto de professores quanto de alunos aproximando a Universidade da realidade, aprimorando a crítica e a reflexão.

Formação nas Universidades

Ao refletir sobre questões como a pesquisa e ensino do turismo na universidade, é preciso que se tenha uma idéia prévia do que pretendemos com a formação universitária. Hoje é particularmente evidente para todos, em virtude da crise econômica mundial, que muitas idéias ou teorias, desenvolvidas com base no conhecimento científico e tidas como verdadeiras, são incapazes de dar respostas aos problemas de ordem prática gerados no seio da sociedade. Não importa saber se, por exemplo, a teoria liberal de equilíbrio dos mercados é falsa ou verdadeira, mas sim saber como vamos atender às necessidades das pessoas enquanto esse processo não ocorre. Nas ciências sociais temos que considerar sempre os custos sociais, a moralidade das ações e não apenas se essas ações estão cientificamente embasadas. É preciso refletir, não mais sobre a lógica do conhecimento, mas e principalmente, sobre o uso e a forma de como vamos utilizar esse conhecimento. Não se trata de questionar a verdade do conhecimento, e sim reconhecer que o conhecimento disponível sobre a vida social não é imutável, não segue rumos pré-determinados regidos por leis, pois sua ocorrência depende das ações humanas que estão em continua mutação. Embora possamos distinguir tendências que indicam onde iremos chegar, caso se continue a agir do mesmo modo como no passado, temos consciência de que a realidade social resulta de nossos atos e decisões e pode, portanto, ser mudada. A mudança tanto pode ocorrer em razão do empenho e engajamento coletivo da sociedade em busca de uma nova ordem, quanto por ações espontâneas que mudem o cenário social. Em ambos os casos, o quadro teórico utilizado para a formulação de previsões se desequilibra quando ocorrem



mudanças nas ações coletivas, tornando necessário buscar explicações adequadas ao novo conjunto de forças que se organiza. As ações coletivas, intencionais ou espontâneas, produzem novas realidades, realidades essas que cabem ao pesquisador da área de ciências sociais conhecer, aí incluído o turismo. A força dessa ação coletiva como motor das mudanças no mundo real se expressou recentemente, por exemplo, no slogan de campanha para presidente, usado nos Estados Unidos em 2008, pelo candidato do Partido Democrata Barack Obama : “Yes, we can.” (“Sim, nós podemos.”). Mas o que podemos? Acredito que isso signifique que podemos ser e agir de forma diferente, criar novos padrões, abrir mão das certezas e enfrentar a complexidade e a incerteza em busca de novas soluções, ainda que não se possam prever com exatidão quais serão os resultados dessa ação. A ação envolve riscos cuja magnitude e diversidade está além das possibilidades de previsão da maioria dos campos científicos. Isso acontece porque, enquanto a ciência recorta limites teóricos para a abrangência de uma dada teoria ou explicação, a realidade, por seu lado, não se enquadra nesses limites científicos que são definidos de forma arbitrária. O mundo da vida é o palco onde se desenrolam as infinitas relações que se estabelecem entre os diferentes campos de conhecimento, apresentando múltiplas formas de relação e infinitas variações. (DENCKER, 2002; MORIN, 2002).

O papel da universidade, isso é importante que se diga, nunca foi o da mera transmissão de conhecimentos, procedimentos e práticas. A universidade não é o local do ensino meramente técnico, profissionalizante, e sim o espaço privilegiado da pesquisa e da reflexão. Isso significa que a formação dos indivíduos deve ser realizada em diferentes níveis. Ainda que no ensino superior existam cursos tecnológicos, a formação universitária não se esgota na transmissão apenas das práticas e procedimentos socialmente aceitos como pertinentes e verdadeiros, que são a base do ensino técnico de nível médio. A formação universitária vai além da prática, procurando refletir sobre as origens e fundamentos das práticas existentes, identificando possíveis opções e formas inovadoras de agir por meio da pesquisa. Reflexão e ação se interligam, pois as idéias geradas no meio científico fundamentam as ações que são aplicadas no mundo real.

Cabe à universidade formar profissionais do conhecimento em diferentes campos científicos que sejam capazes de interpretar a realidade. É preciso desenvolver nos alunos a sensibilidade de perceber o que está acontecendo além das evidências, bem como a capacidade de expressar seus pensamentos de forma clara por meio da



linguagem, para que possam articular de modo eficiente o pensamento, a linguagem e a ação.

Um dos meios para que isso aconteça é uma ação educativa que promova a aprendizagem por meio da observação sistemática, sensível e criativa da realidade. Professores e alunos de uma universidade não constituem uma ilha isolada, um mundo da fantasia, onde se aprende como proceder e como interpretar os acontecimentos por meio de teorias, as quais seriam de fato, capazes de explicar e dar soluções exatas para os problemas. Isso simplesmente não existe. As teorias em ciências sociais se referem a fatos do passado, a experiências realizadas em momentos únicos por serem históricos. A vida real, entretanto, acontece em outro mundo – o mundo do presente, onde as teorias são um aprendizado importante para entender os acontecimentos, mas não suficientes para sempre gerar soluções adequadas. É importante aprender com o passado, mas não podemos reduzir o futuro a sua mera consequência. O futuro é construído no presente, nas múltiplas relações que se estabelecem entre as pessoas que integram as mais diversas redes sociais. É com essa realidade que temos que trabalhar, ampliando o universo do conhecimento em busca de soluções adequadas à complexidade do nosso tempo por meio da pesquisa. Assim, a formação universitária deverá, necessariamente, incluir o aprendizado por meio da pesquisa e da reflexão promovendo a aproximação com a realidade social mediante projetos de extensão, ampliando o olhar para além das fronteiras das disciplinas e das ciências, habilitando o aluno para a ação, de forma integrada e interdisciplinar.

Pesquisa, interpretação e ação.

Formular teorias é tecer possibilidades de interpretação de acontecimentos que observamos. Interpretamos os fatos a partir da nossa bagagem de conhecimentos e experiências de vida, o que gera a diversidade de interpretação: fatos iguais podem ser interpretados de formas diversas. Elaborar teoria é um exercício de criatividade, não é a realidade que muda com a interpretação e sim a forma de interpretar, pois os modos de ver são infinitos.

Toda a investigação, ou pesquisa científica, parte de alguma teoria e essa teoria é fortemente influenciada pelas crenças e representações predominantes na sociedade a qual pertence o pesquisador, que é o indivíduo que realiza a pesquisa. Quando trabalhamos com pesquisa, proposições teóricas e demonstrações, é preciso olhar criticamente o processo de construção da ciência, entendendo-a como um produto



lógico e cultural. Enquanto seres humanos, somos nós que construímos a nossa realidade, pois o conhecimento de produzir o cotidiano constitui o modo básico próprio do estar no mundo do ser humano.

Vista nessa perspectiva, a pesquisa é uma ferramenta de ação sobre o mundo, uma forma de aprimorar o olhar, ampliar o conhecimento, possibilitar a reflexão e orientar a ação. Por meio da pesquisa se estabelece a relação necessária entre o pensar e o agir. O exercício da pesquisa na universidade permite cultivar, em professores e alunos, as competências cognitivas de análise, crítica, interpretação, avaliação e síntese. Aprende-se observando, refletindo, estabelecendo relações e buscando soluções.

A pesquisa antecede a criação, pois é por meio da observação, consciente e controlada da realidade, que a mente humana descobre novas possibilidades e vislumbra outros horizontes. É a pesquisa, a busca de informações, que orienta a ação criativa e permite a busca de respostas durante o próprio processo de criação, monitorando e avaliando as ações. Pesquisar é realizar o exercício da dúvida, questionar a teoria confrontando-a com a realidade empírica na busca de novas explicações.

No turismo a pesquisa é uma ferramenta fundamental para todos os atores envolvidos no processo: aqueles que viajam, aqueles que os recebem, os organizadores da atividade, os responsáveis pela formatação dos produtos, os que estudam o turismo enquanto expressão de uma necessidade humana, enfim, todos os que pretendem, ou precisam de alguma forma, obter conhecimento sobre o fenômeno do turismo para atender a alguma necessidade, seja ela de natureza prática ou intelectual. O conjunto entrelaçado de todos esses atores, suas necessidades e interesses, aliadas as soluções que se expressam na forma de ações concretas, resultam em como o turismo se manifesta em um determinado momento em uma determinada sociedade. Ao longo da história, essas manifestações se alteram e se estruturam de formas diferentes, dando solução à necessidade de mobilidade, lazer e trabalho, própria dos seres humanos. Enquanto atividade, o turismo é uma ação que se apresenta influenciada por múltiplos fatores de natureza psicológica, econômica, ética, política, geográfica, jurídica, tecnológicas, entre outros, não podendo ser entendida fora de sua complexidade em perspectivas reducionistas ou unicistas. Estudar turismo é procurar entender todas as nuances, motivações, perspectivas e interações que a sua prática e organização estabelecem com a sociedade. A multiplicidade de fatores aí envolvidos é infinita, assim como a interligação que é possível estabelecer entre eles em cada momento histórico e em cada localidade em que a prática do turismo acontece. O turismo não pode ser explicado nem



entendido no contexto de uma única teoria e, muito menos, planejado, enquanto atividade, a partir de um único foco ou perspectiva.

O profissional do turismo precisa ser capaz de sentir a realidade de cada localidade, desenvolver uma empatia com a população local e com os turistas, perceber as necessidades dos envolvidos e identificar, com base nesse conhecimento, quais as soluções ou teorias que são indicadas para cada uma das situações. Não é uma atividade mecânica de emprego sistemático de soluções já conhecidas, mas sim uma atividade altamente complexa que envolve a técnica, a ciência, a ética, a moral, a economia e a filosofia. É preciso saber trabalhar com as esperanças, o sonho, as frustrações e as necessidades das pessoas e das localidades. Principalmente é preciso saber trabalhar em conjunto, em equipe, envolvendo o maior número possível de parceiros em uma ação comunicativa orientada para a busca adequada de soluções, as quais devem possuir bases teóricas procedentes de múltiplos campos científicos, fundamentando as ações, que por natureza, são interdisciplinares. Em poucas palavras podemos dizer que a pesquisa é a aproximação com a realidade por meio da observação e a teoria resulta da interpretação que damos aos dados observados. Da interpretação resulta a ação que sempre estará sujeita às diferentes formas de interação de fatos, conhecimentos e idéias que coexistem no mundo real.

A interdisciplinaridade e hospitalidade no ensino de turismo

O ensino em todos os níveis, do modo como o concebemos hoje, se apresenta dividido em diferentes disciplinas. Os professores são formados em determinados campos científicos, recortados de forma arbitrária, com o objetivo de permitir um estudo mais profundo de cada uma das perspectivas consideradas. O total de conhecimentos disponíveis é de tal amplitude que não é possível para um indivíduo ter o domínio de todo o conjunto. Os seres humanos atuam em sociedade, dividindo tarefas, de modo que o conhecimento de um indivíduo complementa o de outro. Assim, embora o conhecimento seja desenvolvido no campo de cada disciplina, a ação resultante do conjunto dessas disciplinas será sempre interdisciplinar. A interdisciplinaridade é, portanto, uma categoria de ação (FAZENDA, 1994).

Embora a racionalidade seja dominante nos campos científicos, no campo da ação o que predomina é a conciliação das diferentes racionalidades envolvidas, o que foi estudado por Habermas (1989) em sua teoria da ação comunicativa. Essa ação comunicativa é que está na base das práticas interdisciplinares no ensino. É por meio da



ação comunicativa que professores trocam conhecimentos e saberes na busca de objetivos pedagógicos que visam a formação de indivíduos críticos e participativos. A coordenação dessa interação comunicativa entre os diferentes campos do saber não é tarefa fácil. Cada campo científico define fronteiras, as quais é preciso ultrapassar para que o diálogo se torne possível.

Para Fazenda (1994, 1999), a interdisciplinaridade nomeia um encontro de seres que acontece em um determinado fazer, sendo também uma forma de atitude:

Entendemos por atitude interdisciplinar, uma atitude diante de alternativas para conhecer mais e melhor; atitude de espera ante os atos consumados, atitude de reciprocidade que impele à troca, que impele ao diálogo – ao diálogo com pares idênticos, com pares anônimos ou consigo mesmo – atitude de humildade diante da limitação do próprio saber, atitude de perplexidade ante a possibilidade de desvendar novos saberes, atitude de desafio – desafio perante o novo, desafio em redimensionar o velho – atitude de envolvimento e comprometimento com os projetos e com as pessoas neles envolvidas, atitude, pois, de compromisso em construir sempre da melhor forma possível, atitude de responsabilidade, mas, sobretudo, de alegria, de revelação, de encontro, enfim, de vida (FAZENDA, 1994, p. 82).

Ao se desvincular dos recortes científicos, a pesquisa interdisciplinar trabalha com a incerteza, com a possibilidade de aplicação do conhecimento à uma realidade dada, que em sua natureza é múltipla e complexa. Sendo desenvolvida por diferentes indivíduos em interação, essa pesquisa interdisciplinar, pode gerar conflitos entre aqueles que participam da atividade. Trata-se de uma situação em que as diferentes perspectivas, ao serem consideradas, entram em confronto causando disputas no campo das explicações e mesmo desentendimentos no campo pessoal. Tanto para os alunos como para os professores nem sempre é fácil trabalhar em equipe. É preciso criar condições para que a interação ocorra de forma harmônica o que torna pertinente a idéia de hospitalidade nas práticas interdisciplinares de ensino.

O que caracteriza as relações de hospitalidade é a existência de fronteiras simbólicas que precisam ser superadas para que a relação ocorra. A hospitalidade implica no reconhecimento e aceitação do outro enquanto estranho, ou seja, trata-se de aceitar o diferente e considerar dignas de respeito as suas proposições. Quando trabalhamos em grupo estamos apostando na cooperação de todos para chegar a um objetivo comum. Para que seja possível um trabalho produtivo é preciso que exista um esforço, de cada um dos membros do grupo, para superar suas idéias e posições de modo a entrar em colaboração com os demais. Precisamos superar nossas próprias fronteiras para adentrar no território do outro e permitir que o outro adentre o nosso



território. É nesse sentido que a prática da interdisciplinaridade muitas vezes é designada como um exercício de humildade: para reconhecer o outro é preciso reconhecer as nossas próprias limitações.

Nos cursos de turismo a ação interdisciplinar é geralmente desencadeada pela realização de projetos envolvendo as diferentes disciplinas que integram cada semestre letivo. Previstos nos projetos pedagógicos dos cursos, os projetos interdisciplinares são freqüentemente percebidos como uma interferência no desenvolvimento de cada disciplina pelos professores e como uma carga adicional de trabalho pelos alunos. Essa percepção hostil em relação aos projetos demonstra a necessidade de sua realização, na medida em que reflete o isolamento das disciplinas e o individualismo dos alunos e professores. A universidade deve formar indivíduos capazes de refletir criticamente sobre a sua realidade e pensar novas possibilidades de ação, o que se faz com a ajuda de cada uma das disciplinas e em colaboração com os demais: professores, alunos e gestores da instituição. (DENCKER,2002)

A ação interdisciplinar é um momento muito importante do curso e deve ser entendida como uma oportunidade de pesquisa especialmente rica, na medida em que permite aproximar as teorias explicativas, formuladas em diferentes disciplinas, do mundo da vida, identificando os conhecimentos que são pertinentes para a solução de situações específicas. A abordagem interdisciplinar dos projetos permite testar teorias, pois a realidade é sempre diferente do que se apresenta descrito nos casos estudados em sala de aula, exigindo um esforço intelectual que permita entender e agir em situações complexas. A pesquisa, nesse contexto, ensina teorias como base analítica para o pensamento. O desenvolvimento dos projetos requer uma atitude de acolhimento às idéias diferentes, o questionamento de verdades pré-estabelecidas, ousadia de propor inovações e buscar diferentes oportunidades, o que irá contribuir para formar indivíduos capazes de formular soluções próprias para os problemas da sua sociedade e do seu tempo. Cabe ao professor orientar o aluno para a busca ativa de soluções, o que requer abertura, acolhimento, hospitalidade no sentido de romper as fronteiras simbólicas que separam professores, alunos e os campos de conhecimento que formam as disciplinas.

A implantação do projeto interdisciplinar exige planejamento da coordenação do curso e dos professores e a existência de um currículo integrado de forma a facilitar a reunião das disciplinas. O primeiro passo é a definição de um objetivo comum que pode ser estabelecido a cada semestre do curso. Esse objetivo deverá agregar, em um único enunciado, a meta educativa geral que orientará todas as atividades acadêmicas do



semestre. Na seqüência são definidos os objetivos gerais de cada disciplina que integra o projeto e que irão nortear as pesquisas de conteúdo. Normalmente é preciso efetuar ajustes nessa etapa, identificando temas e conteúdos que sejam pertinentes para o problema a ser investigado. Esses ajustes implicam em negociações entre os professores e a coordenação. Os objetivos específicos de cada uma das disciplinas são definidos a seguir e orientam a definição do número de aulas requeridas para desenvolver os conteúdos necessários, o que exige articulação com o projeto interdisciplinar com o horário das aulas de cada semestre. Como se pode facilmente deduzir, esse planejamento não é fácil de ser realizado em conjunto, pois o tempo demandado para essa atividade vai além da carga horária normal dos professores, implicando em gastos para a instituição. Supondo que essa etapa seja cumprida dentro de parâmetros aceitáveis de participação e colaboração de toda a equipe, ainda assim, a continuidade do trabalho não está garantida. Normalmente o que se observa é que o esforço e o comprometimento dos professores onde os projetos interdisciplinares são desenvolvidos são desiguais, ampliando a possibilidade de conflito. Isso não decorre das disciplinas e sim da própria personalidade dos professores, do modo como atuam e percebem o trabalho interdisciplinar. A falta de tempo é um dos fatores que compromete a integração entre professores, aliada a falhas de comunicação que dizem respeito à falta de compreensão de elementos do próprio projeto e da incapacidade de escutar os demais. A dinâmica entre os alunos, por sua vez, também é complexa fazendo com que o projeto se desenrole sob grande tensão, o que freqüentemente resulta em um baixo rendimento. Para o êxito do processo, é fundamental criar condições para que as relações dos professores entre si, dos professores com os alunos e dos próprios alunos com os colegas, transcorram em um ambiente harmônico, dentro de regras claras e definidas que permitam a interação e torne fecundas as relações.

A existência de um código de respeito que regule e que permita a interação é fundamental para o desenvolvimento de projetos comuns. Quando abrimos as fronteiras, tanto pessoais quanto das disciplinas, estamos gerando um processo de inquietação: o exercício da dúvida – que é fundamental para o progresso intelectual. Ao mesmo tempo, esse processo de inquietação pode causar desavenças e reações hostis tanto nos alunos quanto nos professores. É preciso superar a hostilidade por meio da tolerância, do exercício de convivência, da observação de regras que permitam o entendimento, e avançar na busca do consenso. O professor precisa apostar na capacidade do aluno e ser capaz de aceitar idéias contrárias ao conhecimento estabelecido. Basicamente é preciso



que alunos e professores se sintam acolhidos, protegidos e livres, para que sejam capazes de criar, de arriscar, de inovar, sem receio de represálias. Trata-se de criar um ambiente fecundo que promova a reinvenção do tempo, pois, como no dizer de Baptista, 2005, p.16:

a abertura da consciência, como atitude de aceitação e recepção, não tem de ser paralisante, pelo contrário, ela funciona como condição necessária de afirmação de um sujeito radicalmente crítico, criativo e ativo. Enfim, de um sujeito capaz de lidar com os fatores de incerteza e de imprevisibilidade que caracterizam o mundo contemporâneo.

Promover a hospitalidade, em seu sentido ético e moral, no ambiente de ensino para a prática dos projetos interdisciplinares é um elemento fundamental para o êxito dos mesmos. Isso significa que é preciso estar ciente da possibilidade do conflito, da necessidade de sacrifício e também de recompensas, o que exige que o processo seja regulado por obrigações e sujeito a condições determinadas. O encontro entre diferentes sempre gera insegurança que é preciso superar para que o encontro aconteça e desenvolva a fecundidade que lhe é própria. É preciso que fique claro que na pesquisa interdisciplinar, realizada para o desenvolvimento dos projetos, não se pretende misturar os conhecimentos e criar uma “interdisciplina”, ou uma disciplina única, o que de certa forma representaria uma espécie de ameaça de dissolução de campos científicos específicos. Trata-se de um momento em que se estabelece uma relação provisória entre todas as disciplinas, mas essa relação se restringe ao momento da ação, o tempo de realização do projeto. É um momento especial direcionado para um objetivo, onde a ética da hospitalidade se apresenta como “uma ética da instabilidade e do movimento e, como tal, uma ética da fecundidade” (BAPTISTA, 2005, p.16). As fronteiras continuarão a existir entre as disciplinas, assim como entre as pessoas, mas devem existir regras de convivência, estabelecidas para a situação de encontro, que permitam ultrapassar as fronteiras sem a ocorrência de conflito, quando da realização das atividades requeridas pelo desenvolvimento dos projetos interdisciplinares. É nesse sentido que a hospitalidade no ambiente de ensino é importante: como atitude de respeito, acolhimento e reconhecimento do outro enquanto diferente, dentro de regras estabelecidas e observadas por todos, evitando confrontos e hostilidades.

Cada professor, em sua área de especialidade, tende a priorizar uma determinada base teórica na busca de explicações e soluções, podendo entrar em choque com as explicações defendidas pelos professores de outras disciplinas que operam a partir de matrizes teóricas diferentes. As explicações, bem como as soluções, irão depender dos



objetivos do projeto e da situação específica na qual o mesmo pretende ser aplicado. No momento em que professores e alunos confrontam as diferentes possibilidades frente a uma realidade específica, é preciso sair do campo racional das disciplinas e interagir mediante uma razão comunicativa, como denomina Habermas (1989), na busca do consenso. Passar da teoria para a aplicação requer escolhas e múltiplas considerações, não apenas as de ordem técnica, mas também, e principalmente, as de ordem ética e de ordem moral. Orientar o aluno para articular pensamento, linguagem e ação de forma eficiente e adequada às necessidades de seu tempo e de seu espaço, é tarefa dos professores os quais deverão ser capazes de reconhecer as limitações de seus campos de conhecimento e acolher as contribuições dos demais. Também os alunos deverão ser capazes de acolher os colegas e trabalhar em equipe de forma pró-ativa procurando agir de modo a que cada membro do grupo participe com o que possui de melhor. Isso contribui para o desenvolvimento pessoal de toda a equipe, bem como para os resultados finais do trabalho interdisciplinar. A formação universitária precisa habilitar o aluno para que faça escolhas, defenda seus pontos de vista, mas seja também capaz de ouvir e entrar em colaboração com os demais, na busca de soluções comuns para os problemas apresentados. Trata-se de “promover práticas de cidadania assentadas no valor da hospitalidade, ou seja, no respeito ao outro como outro” (BAPTISTA, 2005, p.12).

O ambiente nas universidades hoje tende a ser altamente competitivo e pouco colaborativo o que interfere nas práticas de ensino e pesquisa. Essa competição não decorre apenas de fatores epistemológicos, de disputa entre explicações teóricas próprias dos campos científicos como descrito nos parágrafos acima, mas de fatores humanos que fazem parte do cotidiano de professores e alunos. É comum a situação em que os professores se sentem desrespeitados pelos alunos, pressionados pela coordenação, angustiados com sua própria sobrevivência na instituição e por problemas de ordem econômica. As freqüentes mudanças dos currículos eliminam disciplinas e reduzem a carga horária fazendo com que professores aceitem ministrar disciplinas para as quais não estão adequadamente preparados. O tempo destinado ao preparo das aulas e das tarefas é reduzido e não remunerado adequadamente. A falta de segurança, a ausência de identidade com o curso, a dificuldade de entender corretamente o que está sendo proposto em diferentes projetos, são fatores que contribuem para que o professor se sinta em um ambiente hostil. Não raro isso resulta em receio em relação aos alunos, em uma atitude de defesa e não de acolhimento. O professor ergue barreiras e se prepara



para uma espécie de luta em que a mesa na sala de aula é sua trincheira. Os alunos são vistos como sendo um conjunto homogêneo, independentemente de sua origem social, idade, experiências vivenciadas, submetidos a aulas com os mesmos conteúdos e recursos, muitas vezes por exigência das próprias coordenações. Em universidades com várias turmas no mesmo semestre se exige que o conteúdo seja igual em todos e, não raro, o tema do projeto interdisciplinar é o mesmo. As formas de avaliação em geral também são as mesmas, transcorrendo a dinâmica no ambiente das instituições de ensino dentro de uma lógica que desconsidera, em grande parte, as dimensões humanas dos sujeitos envolvidos, sejam eles professores, alunos ou funcionários administrativos. O próprio território e a distribuição dos espaços das instituições não contribuem para as atividades de aprendizado, ficando o ensino confinado nas salas de aula, onde a disposição é mais adequada para um processo de instrução, do que de educação em um sentido mais amplo. Os locais disponíveis para encontro dos alunos são escassos, freqüentemente vemos as ruas próximas da instituição transformadas em local de confraternização ao redor de barraquinhas que vendem lanches, tomando o espaço dos carros, além de bares e locais de comida rápida, que por sua proximidade, são transformados em espaços de sociabilidade. Isso demonstra a importância e necessidade do encontro entre os alunos que buscam locais alternativos para vivenciar as relações. O mesmo se dá em relação aos professores quando necessitam de espaços para o desenvolvimento de tarefas comuns. O tempo e o espaço que as instituições reservam para as atividades de socialização são de modo geral escassos, não favorecendo a comunicação e a interação. As condições de encontro e socialização, espaços de convivência, locais de confraternização e para trabalhos em grupo, são tão importantes quanto salas de aula quando se pensa na formação integral do aluno e no desenvolvimento das práticas de cidadania e hospitalidade. A razão comunicativa, nascida do diálogo entre os integrantes da comunidade de ensino, é o pano de fundo necessário para que as práticas educativas possam frutificar formando cidadãos conscientes e responsáveis capazes de promover as mudanças necessárias para sua sociedade e para o bem estar de todos.

Os problemas relatados no parágrafo anterior não devem ser considerados como obstáculos intransponíveis para a prática da pesquisa e a realização de projetos comuns. Os seres humanos possuem a capacidade de criar novas realidades, podem re-significar espaços, gerar novas formas de relacionamento e interação a partir de condições dadas, mesmo quando tais condições são aparentemente pouco propícias ao desenvolvimento



de práticas inovadoras. Sejam quais forem as condições objetivas de uma situação, nós podemos agir de forma diferente, criar novos padrões, agir em busca da mudança, assumir outra atitude diante dos fatos. Não podemos esperar que a realidade mude para assumir outra atitude, pois somos nós que mudamos a realidade com nossas atitudes. Partilhar idéias e objetivos, respeitar os demais, acolher os diferentes, saber ouvir, são ações que dependem de cada um e que podem ser implementadas em qualquer lugar, sejam quais forem as circunstâncias, demandando apenas uma mudança de atitude.

Como assinala Gonçalves, 1999, p.131:

Como educadores precisamos acreditar em possibilidades de mudança, e, no âmbito de nossa ação profissional, tentar abrir espaços para a emergência de uma nova racionalidade, que favoreça a reconstrução da sociedade e a reinvenção da cultura. Esse processo somente será viável no desenvolvimento de uma ética de responsabilidade social, que embasa ações que visem ao bem coletivo, isto é, que tenham por objetivo a criação de possibilidades de vida a todos, incluindo as gerações futuras.

Criar um ambiente propício para a pesquisa, reflexão e inovação nas universidades depende, em primeiro lugar, da atitude de todos os envolvidos, cabendo à administração incentivar as ações que contribuam para o desenvolvimento dessas atividades. Como já dissemos anteriormente a pesquisa é uma ferramenta de ação sobre o mundo, uma forma de aprimorar o olhar, um meio de estabelecer a relação necessária entre o pensar e o agir, um elemento fundamental para a formação universitária, qualquer que seja a área de conhecimento. Cabe aos responsáveis pela educação, professores, alunos, administradores, criar condições para que a busca do conhecimento possa acontecer de modo fluido e solidário nas instituições de ensino.

Considerações finais

A formação universitária deve trabalhar o progresso intelectual do aluno habilitando-o para refletir com base em fundamentos epistemológicos, científicos e racionais, sem perder de vista as considerações de natureza ética e a percepção das necessidades de ordem moral requeridas pela complexidade da vida social. Conviver com a dúvida e a incerteza faz parte do trabalho e da pesquisa científica e habilita o aluno para enfrentar problemas e questionar verdades estabelecidas em busca de novas explicações. A prática da pesquisa em associação com o ensino faz com que o aluno aprenda a perceber o que está oculto e foge ao primeiro olhar, possibilitando o vislumbre de novas realidades abrindo perspectivas, por meio do incentivo à criatividade e à imaginação.



As práticas interdisciplinares de ensino constituem uma forma de preparar os alunos para a abordagem da complexidade própria da vida em sociedade necessária para o bom desempenho na vida acadêmica e profissional. Incentivar o diálogo, a troca e o aprendizado coletivo mobilizando conhecimentos provenientes de diferentes campos científicos é fundamental para a formação intelectual e para o desenvolvimento da personalidade do aluno. Habilitar para o viver em sociedade, transitar em meio à diversidade na busca do consenso e do bem comum, são atributos tão importantes para a formação universitária quanto o domínio dos conhecimentos e teorias existentes.

O exercício da liberdade e do respeito, de práticas de acolhimento e aceitação do diferente, da superação das fronteiras na busca do consenso mediante uma ação comunicativa que garanta a oportunidade de que todos sejam ouvidos e considerados nas soluções de interesse comum, são elementos fundamentais da formação universitária. Cabe às instituições de ensino a criação de ambientes de aprendizagem que estimule a convivência, a sociabilidade e o respeito para que seus alunos sejam capazes de transformar a si mesmos e o meio em que vivem, de forma ética e responsável.

Referências bibliográficas

- BAPTISTA, Isabel. Para uma geografia da proximidade humana. **Revista Hospitalidade**. São Paulo, ano 2, n.2 p.11-22, 2 sem. 2005)
- DENCKER, Ada F.M. **Pesquisa e interdisciplinaridade no ensino superior**. São Paulo: Aleph: 2002.
- FAZENDA, Ivani. **Interdisciplinaridade: História, teoria e pesquisa**. Campinas: Papirus, 1994.
- _____. **Práticas Interdisciplinares na Escola**. São Paulo: Cortez, 1999.
- GONÇALVES, Maria Augusta S. Teoria da ação comunicativa de Habermas: Possibilidades de uma ação educativa de cunho interdisciplinar na escola. **Educação e Sociedade**. vol.20 n.66 Campinas Apr. 1999
- HABERMAS, Jürgen. **Consciência moral e agir comunicativo**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1989.
- MORIN, Edgar. **O método 4** (as idéias: habitat, vida, costumes, organização). Porto Alegre: Sulina, 3 ed. 2002.